

O estado atual dos estudos investigativos sobre as concepções educacionais de Manoel Bomfim: uma sistematização concisa

DÊNIS WAGNER MACHADO*

BERENICE CORSETTI**

Manoel José do Bomfim e sua veia educativa

Manoel Bomfim, como é mais comumente conhecido o educador que abordaremos aqui, nasceu em Aracaju/Sergipe, em oito de agosto de 1868. Na altura de sua pré-adolescência conviveu com a realidade da escravidão devido negócios da família. Anos mais tarde, em 1886, ingressou na Faculdade de Medicina de Salvador/Bahia, vindo a transferir-se dois anos depois para o Rio de Janeiro/Capital, onde continuou com seus estudos na área. Visto e vivenciado o fim do Brasil Império, acompanhou *in loco* os momentos que antecederam a assinatura da Lei Áurea. Conheceu na efervescência cultural carioca, ilustres brasileiros como Machado de Assis, José do Patrocínio e Olavo Bilac. Formou-se em medicina em 1890 e casou-se no ano seguinte com Natividade Aurora de Oliveira, com quem teve dois filhos. Sua vida social na capital aproximava-o de nervosas polêmicas políticas. Questionador, criticava duramente o recente proclamado governo republicano. Após a morte do pai e da filha primogênita, em 1894, gradualmente foi abandonando a carreira de médico e gradativamente se aproximou da psicologia, área do conhecimento que mais tarde o levou ao campo da educação. Entre 1897 e 1902, dirigiu o *Pedagogium*¹, experiência que iria repetir novamente entre os anos de 1911 e 1919. Entre 1902 e 1903, planejando se especializar em

* Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Graduado em História – Licenciatura Plena e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Instituição. Bolsista PROEX/CAPES.

** Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Graduada em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora titular da Unisinos.

¹ O *Pedagogium* foi um centro cultural criado ao espelho do Parecer de Rui Barbosa (1882), ainda sob um projeto de Rodolfo Dantas para o ensino na capital carioca. Alguns historiadores mais dedicados a seu estudo apontam que a premissa do mesmo é ainda mais antiga. Abrindo suas portas em 1890, viria a fechá-las somente às vésperas de seu 30º aniversário (1919). Localizado no Rio de Janeiro, foi um empreendimento do nascente governo republicano. O *Pedagogium* agregou nas suas dependências um museu pedagógico e uma biblioteca rotativa para empréstimos de livros, além de promover cursos de especialização, conferências e exposições, também auxiliou na editoração de uma revista pedagógica.

psicologia viajou a França, vindo a estudar na Sorbonne. No retorno, trazia consigo o esboço daquela que seria sua obra mais contundente, *A América Latina - Males de origem*, publicado pela primeira vez em junho de 1905. Seu discurso pró-conscientização provocou reflexões tão complexas que alcançam os dias atuais.

Médico por formação, Manoel Bomfim foi também jornalista, escritor, historiador, sociólogo, psicólogo, educador e um dos mais importantes interpretes críticos do Brasil, além disso, “[...] foi membro do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal [1895-1900 e 1905-1907], cargo que deixou em 1907. Neste mesmo ano, atuou como deputado federal, particularmente interessado em questões relativas ao ensino público [...]”. (GONTIJO, 2003, p. 135). Seu legado compreende uma vasta produção intelectual, desde artigos de jornais, até livros fora de seu eixo de formação, além de dilatada série de manuais didáticos. Seus assuntos mais recorrentes versam sobre medicina, zoologia, sociologia, política, psicologia, educação, história do Brasil e América Latina. Manoel Bomfim passou seus últimos anos lutando contra um câncer que lhe acometerá, vindo a falecer em 21 de abril de 1932.

Em sua obra máxime, Manoel Bomfim sugeria uma ação à teoria das raças inferiores, um combate contra a escravidão intelectual e moral, a negação da ideia de degeneração das espécies por ocorrência da mestiçagem, a crítica à instrução em história do período e a crença na educação, está entendida como projeto de uma possível identidade nacional capaz de eliminar nossas mazelas sociais. No que refere ao campo educacional, Bomfim, proclamava uma educação fundamentada na emancipação dos povos com o desígnio de edificar uma sociedade mais justa, democrática e cidadã. Proferia:

[...] sem a instrução da massa popular, sem o seu realçamento, não é só a riqueza que nos faltará – é a própria qualidade de gentes entre as gentes modernas. Pouco importa o que está inscrito nas Constituições, que as camadas políticas vão depositando nos armários oficiais. Como estamos, não somos nem nações, nem repúblicas, nem democracias. A democracia moderna é um produto do progresso; e nós somos, ainda, uma presa do passado, recalitrante em tradições e preconceitos, que não soubemos vencer ainda. Querer um regime moderno, com as almas cristalizadas nos costumes de três séculos atrás, não é uma utopia – é uma monstruosidade. Proclamar democracia e liberdade, e manter e defender as condições sociais e políticas das eras de absolutismo, é mais que insensato – é funesto, mais funesto que o próprio absolutismo formal. Este é criminoso, mas é pelo menos lógico; o crime pode ser lógico sem deixar de ser crime; o regime de democracia sem povo é absurdo [...]. (BOMFIM, 2005: 362, grifo do autor).

Gostaríamos de assinalar que para nós, a instrução popular apregoada por Manoel Bomfim não era mera transmissão de informações, consistia muito mais na divulgação de uma educação conscientizadora, uma educação voltada para uma tomada de consciência dos aspectos condicionantes que formaram a nação brasileira e a própria América Latina. Aspectos que, caso superados, poderiam levar tanto o povo brasileiro quanto latino a uma nova democracia. De forma rudimentar, concepções muito próximas daquelas que anos depois vamos encontrar nas obras e no pensamento de Paulo Freire sobre educação libertadora.

Manoel Bomfim também se dedicou à produção de livros didáticos. Em *Através do Brasil* (1910), livro literário escrito a quatro mãos por ele e Olavo Bilac, apresenta “[...] como grande parte da literatura infantil produzida na época, no país e no exterior, não visava apenas o aprendizado formal, mas a formação e o reforço de uma consciência nacional [...]”. (AGUIAR, 2000, p. 417). Entretanto, este não foi o primeiro trabalho da dupla, uma década antes já haviam escrito o *Livro de Composição para o Curso complementar das escolas primárias* (1899) e o *Livro de Leitura para o Curso Complementar das escolas primárias* (1901). É sabido que estes livros foram posteriormente adotados nos cursos complementares das escolas primárias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais entre outras cidades.

Além de Diretor de Instrução Pública do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ), hoje Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), sob a administração de Pereira Passos, Manoel Bomfim também foi professor da Escola Normal onde utilizava manuais de sua própria autoria, como *Noções de Psicologia* (1916) e *Lições de Pedagogia* (1920), na formação de normalistas que, por sua vez, mais tarde na escola primária poderiam contar com um grande número de livros didáticos e de leitura escritos pelo antigo mestre, como foi o caso de *Primeiras Saudades* (1920); *Crianças e Homens* (1922); *Lições e leituras para o 1º ano* (1922); *Lições e leituras - livro do mestre* (1922); além do próprio *Através do Brasil*.

Os livros didáticos ou sobre educação criados e usados por Bomfim podem revelar propostas de formação de dimensões sócio-políticas ainda não completamente investigadas, podendo gerar novas compreensões e problemáticas acerca de currículo e avaliação, além de suscitar novas investigações sobre as processualidades educativas do período. A relevância de se verificar esse material consiste que a crítica habitual de Bomfim, expressa em livros de cunho sociográfico, tivera evidente sentimento antilusitano e forte crítica ao imperialismo

estadunidense. Nestes, evidenciava que os retrocessos sociais, políticos e econômicos da região centro-sul continental não se produziam simplesmente pela suposta inaptidão das massas ao progresso, nem por uma presumível inferioridade racial, mas sim pela qualidade das condições de desenvolvimento do povo e das violências pelas quais eles haviam padecido. Assim, vai atribuir às elites intelectuais e políticas, a responsabilidade pelo atraso do continente e vai dizer que a exploração e a dominação colonial, o parasitismo ibérico, conceito que cunha em *Males de Origem*, seria o conjunto de fatores responsáveis pelas nossas mazelas sociais.

Tendo por palco a cidade do Rio de Janeiro no contexto político do ano de 1979, duas publicações acerca de Manoel Bomfim chegavam ao grande público e assim começaram a retirá-lo do limbo ao qual estava confinado. De um lado, o livro de Aluizio Alves Filho *Pensamento Político no Brasil – Manoel Bomfim: um ensaísta esquecido* (Editora Achiamé). Do outro, um ensaio acadêmico escrito por dois mestrandos de Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Roberto Ventura e Flora Sussekind, *Uma teoria biológica da mais valia?*, até hoje saudado por vários pesquisadores como um dos melhores estudos acerca das concepções histórico-políticas de Manoel Bomfim. Difundido amplamente a partir de 1984, como capítulo inicial da obra *História e Dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (Editora Moderna), onde se sucede uma associação de ideias entre Manoel Bomfim, Karl Marx e Friedrich Engels.

Conforme Sussekind e Ventura, a metáfora do parasitismo ibérico de Bomfim, se aplicada ao estudo das classes sociais e das relações entre nações, resultaria em reflexões e conclusões acerca das situações históricas de dependência, modos de produção e apropriação de valor, ocorridas tanto no Brasil quanto na América Latina. Essa leitura associativa entre ideias e intelectuais pontua o que podemos chamar, de forma simplista, mas não reducionista de pensamento de esquerda ou de oposição. Compartilhando pontos de vista bem demarcados, ao longo da vida e de suas obras, Bomfim fez referências abertas a vários pensadores germânicos, bem como ideólogos do socialismo e do anarquismo. Ainda segundo escritos de Sussekind e Ventura, esse é um predicado que marca Manoel Bomfim como intelectual da contraposição a dominação, fosse ela no âmbito da política, das ideias ou da educação.

Estado atual do Conhecimento

No momento histórico que nos encontramos qualquer produção científica que deseje devida consideração precisa em algum momento de seu processo realizar um movimento de revisão da literatura produzida. Nomeada por alguns especialistas de Estado da Arte, aqui preferimos utilizar o termo Estado do Conhecimento². Geralmente percebida como parte da fase exploratória de uma pesquisa, o Estado do Conhecimento requer ampla, crítica e disciplinada pesquisa bibliográfica. Por vezes requer fichamentos sistemáticos de modo a amparar uma posterior reflexão teórico-objetiva. Não por menos produz conhecimento, justamente por estimular a interface do desconhecido com os sentidos já construídos.

Nosso primeiro passo consistiu em alavancar algumas palavras-chave, incluindo variações possíveis. A seguir, literalmente mergulhamos nos bancos de dados. Não pretendendo construir níveis entre esses, todas as produções localizadas foram inseridas numa única pasta (virtual) e posteriormente retrabalhadas. O nome de Manoel Bomfim, por si só, foi o que nos trouxe mais resultados. A seguir, localizamos vários estudos sobre manuais (livros) escolares (didáticos) da primeira república brasileira (República Velha), mas priorizamos a seleção daqueles que em alguma medida alcançassem produções de Manoel Bomfim. Finalmente, o termo empregado pelo educador em *América Latina* para explicitar os *males* que nos afligiam, e outras variáveis utilizadas por intelectuais que pretenderam estudar o assunto, nos permitiu encontrar trabalhos pontuais que mais do que complementar o Estado do Conhecimento, o enriqueceram. As palavras-chave utilizadas e suas variáveis foram Manoel Bomfim³; manuais (livros) escolares (didáticos) da primeira república brasileira (República Velha); e parasitismo ibérico (parasitismo social, parasitismo exploratório).

Em grande medida, houve a intenção de restringir a busca a *sites* centralizadores de produções de cunho acadêmico-científico. Entretanto, o baixo índice de trabalhos encontrados nos levou a recorrer ao *Google*, um dos maiores *sites* de busca de conteúdos da *Internet*. A tática repercutiu positivamente, levando-nos a centenas de outros *sites*, a grande maioria de origem institucional, onde pudemos baixar na íntegra ou parcialmente vários estudos apontados, muitos desses, ainda não disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da

² DESLANDES, Suely Ferreira. A CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. Vozes, 1994. p. 33.

³ E algumas variações percebidas: Manoel José do Bonfim, Manoel José do Bonfin, Manoel José do Bomfin, Manuel José do Bomfim, Manuel José do Bonfim, Manuel José do Bonfin, Manuel José do Bomfin.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ou mesmo, no Portal de Pesquisa de Periódicos Nacionais e Internacionais, também da CAPES, ou ainda na Biblioteca de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Desconhecemos na completude os motivos de tais falhas, cogitamos que as origens sejam várias, nossa hipótese matriz aponta principalmente para as intempéries vinculadas à assombrosa e contemporânea demanda de atividades próprias das secretárias dos Programas de Pós-Graduação das Universidades brasileiras.

No total foram encontrados 201 trabalhos. Conhecendo a polivalência de Manoel Bomfim, compreendemos que cada um destes estudos possuía um histórico, um propósito, dessa forma, decidimos dividi-los em doze categorias diferentes de modo que pudéssemos abarcar-los contextualmente em nossa revisão, conforme segue: Teses de Doutorado (17); Dissertações *Stricto Sensu* (28); Monografias *Lato Sensu* (03); Trabalhos de Conclusão em Cursos de Graduação e/ou Bacharelado (02); Livros (10); Capítulos de Livros (14); Artigos em Periódicos (71); Trabalhos em Anais de Eventos (40); Reportagens em Jornais de Notícias impressos (06); Reportagens em Revistas Comerciais (03); Textos em *Sites* da *Internet* (05); e Outras produções (02).

Percebendo que a abordagem pura e simples pelos axiomas da ordem geográfica e cronológica seria ineficaz para a crítica dos estudos do universo encontrado, decidimos erigir outro método de análise, evidenciando as matérias de trabalho de cada produção, tendo como máxima que são estudos e estudiosos que lançaram alguma luz sobre a questão problematizadora de nossa pesquisa: Qual a relação entre a concepção político-educacional de Manoel Bomfim, expressa nos artigos e livros de opinião que este escreveu, e o teor dos conteúdos impressos nos manuais escolares e livros de leitura que este elaborou e usou enquanto professor da jovem república brasileira? Suas ideias ativistas alcançaram o campo educacional em que atuou? Qual a racionalidade por trás dos seus manuais escolares?

Decidimos então dedicar mais atenção, nesta produção que se apresenta aqui, as Teses, Dissertações, Monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso encontrados. Queremos deixar claro que a renúncia em tratar das demais produções localizadas por nós se justifica unicamente pelo critério “limite de páginas disponíveis”. Não significa, portanto, pouca relevância, pelo contrário, a grande maioria dos trabalhos terá enorme relevo na versão final

da nossa dissertação, pois a pontualidade dos estudos permitirá um diálogo sem precedentes anteriores.

Após a coleta de dados (Título da obra, autor (a), ano de publicação, titulação, Faculdade ou Universidade, palavras-chave, área do conhecimento, linha de pesquisa, orientador (a), banca examinadora, biblioteca depositária, volumes, páginas e resumo de cada um dos trabalhos), procedemos à sistematização em formulários descritivos. A abordagem seguinte consistiu em um diagnóstico temático focado principalmente nos resumos, aos quais elencamos de cada um, três descritores que nos fossem mais acentuados, o que nos permitiu organizar dez grupos temáticos, que nomeamos assim: A) Dissecando os Males de Origem⁴; B) Entrelaçando Bomfim⁵; C) Os Doutores em Brasil⁶; D) Liames Intelectuais⁷; E) Geopolítica Revisitada⁸; F) Bomfim na Historiografia⁹; G) Bomfim na Psicologia¹⁰; H)

⁴ As produções reunidas sob a alcunha de Grupo A recebe essa denominação por um motivo bastante particular, são trabalhos de grande fôlego onde os autores se debruçaram sobre a obra seminal de Manoel Bomfim, *A América Latina – Males de origem*, publicada originalmente em 1905, novamente em 1938, republicada em 1993 pela Editora Topbooks e mais uma vez em 2005 (edição comemorativa do centenário da obra). Nestes estudos, quatro pesquisadores dedicaram suas atenções a verificarem uma gama complexa de ideias e conceitos presentes na obra máxima de Manoel Bomfim.

⁵ Os estudos agrupados com sob o codinome de Grupo B possuem em comum com o Grupo A, a análise da obra máxima de Bomfim, entretanto, distingue-se do primeiro grupo justamente por irem além, cruzando as ideias expressas no livro de 1905 com as obras mais tardias do autor, a saber, *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931). Essas obras, classificadas como “de opinião” por vários estudiosos, ora são rotuladas como dissonantes, ora como confluentes do pensamento mais radical de Bomfim.

⁶ Todos os estudos selecionados para constituição deste Grupo C, bem como dos demais grupos, redundam diretamente dos seus resumos, nestes, percebemos que todos os pesquisadores imbrincados desenvolveram seus trabalhos tendo como perspectiva a relativização de ideias e conceitos criados e usados por vários intelectuais para explicar a República Brasileira aos seus e aos estrangeiros. Contudo, para estes, Manoel Bomfim não é foco das atenções e sim um entre tantos outros pensadores revisitados que ajudam os pesquisadores a realçar as dicotomias de pensamento existentes entre esses intelectuais. Visões de Brasil e América Latina, projetos de nação, nacionalismo, modernidade e crise civilizacional, identidade nacional, raça e teorias evolucionistas durante o período conhecido como Primeira República, são alguns dos assuntos mais visitados.

⁷ O Grupo D tem por característica os liames intelectuais, a vinculação de ideias, concepções, opiniões. Diferente do Grupo C, que converge para as problemáticas, o Grupo D se focaliza nos intelectuais que refletiram sobre as mesmas. O elemento em comum com alguns trabalhos do grupo anterior recaiu sobre a ausência de foco em Manoel Bomfim. Nestes trabalhos que compõe o Grupo D, o educador é componente secundário nas discussões. Entretanto, está lá, como que para mostrar que existia um pensamento em contraposição.

⁸ Ainda que apenas uma tese tenha sido localizada, dentro do que entendemos como estudos revisionistas de geopolítica, acreditamos legitimamente que haja outros, senão, pelo menos algumas dissertações. O que patrocina esse crédito é a existência de outras produções vinculando Manoel Bomfim aos estudos de geografia política (dois capítulos de livros, seis artigos de periódicos e três trabalhos em anais de eventos).

⁹ Essa categoria abrangeu apenas três produções, isto porque levamos a sério o critério que, por exemplo, limitou o grupo anterior a apenas um trabalho. Se fossemos explicar aqui sobre todos os estudos encontrados precisaríamos falar de pelo menos mais oito artigos de periódicos, três trabalhos em anais de eventos e mais um texto publicado em *site* da *Internet*. Nestes trabalhos, Bomfim é pensando no seu fazer e devir historiográfico.

¹⁰ As produções e os pesquisadores enquadrados neste Grupo estão discriminados no corpo do texto.

Bomfim na Educação¹¹; I) Bomfim e sua produção didática¹²; e por fim, J) Estudos Comparados¹³. A seguir, daremos atenção aos três Grupos (G, H, I) que serão a matéria de análise desta comunicação.

Manoel Bomfim na Psicologia

É de grande valia lembrar que as inquietações de Manoel Bomfim em possuir domínio sobre técnicas de psicologia experimental o levaram a Paris, em 1902. Foi quando conheceu pessoalmente Edouard Claparède, um dos mais ascendentes estudiosos da psicologia do início do século XX. Alguns anos mais tarde, Bomfim também seria apresentado ao jovem assistente dele, Jean Piaget. Esse entre tantos outros aspectos demonstra a relevância de estudos recuperando parte importante da vida de Manoel Bomfim dentro do campo da psicologia.

Interessado em compreender os fenômenos psicológicos histórico-sociais, Manoel Bomfim acabou dando ênfase em seus trabalhos “a linguagem como instância que ao mesmo tempo sintetiza e faz mediação entre o psíquico e o social”, como bem apresenta Sônia Cristina Pimentel de Santana em seu resumo. Esse entre tantos outros aspectos demonstra a relevância do estudo da pesquisadora, que a intitula assim *Manoel Bomfim na História da Psicologia Educacional* (Universidade Federal de Sergipe, 2002). Em seu trabalho, a pesquisadora ocupa-se de verificar encontros e desencontros da trajetória pessoal do intelectual, ligando este a própria história da psicologia educacional brasileira.

Seis anos mais tarde Afonso Carlos Neves defendeu sua tese, *O emergir do corpo neurológico no corpo paulista: neurologia, psiquiatria e psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas 1889-1936* (Universidade de São Paulo, 2008). Neste trabalho, valendo-se de conceituações propostas por Michel de Foucault, Neves empreendeu

¹¹ Idem nota 10.

¹² Idem nota 10.

¹³ Embora não fosse intento da nossa pesquisa realizar uma proposta de estudo comparado é relevante trazer à tona a quantidade e a variedade de estudos colacionando e/ou confrontando Manoel Bomfim a outros intelectuais, bem como, sua produção a obras de outros pensadores, ou mesmo, suas ideias e concepções a de demais interpretes dos problemas (inter)nacionais. É verdade que os grupos C e D, em primazia aos demais, articularam elementos neste sentido, entretanto, neste grupo estão contidos trabalhos de pesquisadores que assumiram explicitamente esta inclinação, tornando Manoel Bomfim protagonista ou antagonista de outras personalidades.

uma viagem no tempo para recuperar movimentos de médicos que pretenderam organizar a sociedade paulistana e promover a ciência de seu tempo, tal promoção repercutiu depois na constituição do que o autor chama de *escolas paulistas*, centros de educação voltados para as disciplinas de neurologia, psiquiatria e psicologia.

E finalmente, a tese de doutoramento de Martha Giudice Narvaz, *A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009). Após empreender uma larga busca pela base de dados digital da UFRGS, Narvaz apercebeu-se da (in)visibilidade dos discursos de gênero nos estudos desenvolvidos pelas Linhas de Pesquisa, Projetos de Pesquisa e Teses e Dissertações da Instituição. Problematizando a questão a luz de pressupostos que vem do diálogo entre a análise de discurso francesa de Michel Pêcheux, dos estudos feministas e de gênero e da arqueogenealogia de Michel Foucault, Narvaz buscou em seu estudo dar visibilidade as implicações decorrentes do ensino/aprendizagem das teorias e práticas em psicologia desenvolvidas na sua Universidade, procurando ainda incitar o empoderamento acerca dos próprios discursos gerados no ventre na Instituição.

Bomfim na Educação

Visto com apuro maior, Manoel Bomfim e sua experiência no campo da educação já motivou pelo menos quatro capítulos em livros, uma obra completa, sete artigos em periódicos, oito trabalhos em anais de eventos e pelo menos uma reportagem em revista de cunho comercial. Mas há mais uma coisa a ser explicada aqui antes de começarmos a apresentar as dissertações que compõem o grupo do qual nos detemos agora. Ao verificarmos algumas produções que se ocuparam de apresentar aos seus leitores quais seriam as obras de Manoel Bomfim, na forma de um rol de livros do mesmo, mais de uma vez encontramos as produções de pedagogia reunidas às produções de psicologia. Na ausência de maiores explicações, sopesamos que os autores destas listas resolveram entender ambas as áreas do conhecimento como inseparáveis, pelo menos olhando estas dentro do âmbito das produções Bomfimnianas. Estando nós em uma época que se postula superespecializada, resolvemos apartar as referidas áreas e assim conjecturar em um ensaio outras possibilidades.

A dissertação de Roselânia Francisconi Borges, *A pedagogia de Manoel Bomfim: uma proposta higienista na educação* (Universidade Estadual de Maringá, 2006) toca em um aspecto altissonante da trajetória do educador. Conectando Bomfim a Liga Brasileira de Higiene Mental e valendo-se do livro *Lições de Pedagogia*, escrito pelo próprio e publicado em 1915, a pesquisadora buscou identificar pressupostos higienistas contidos nas concepções educacionais de Manoel Bomfim, vindo a constituir correspondências e incoerências encaixadas em sua pedagogia em relação às ideias educacionais em voga no período. Borges extrapola o livro e verifica também o cenário educacional, alcançando ainda aspectos sócio-políticos e econômicos do Brasil nas primeiras décadas do século XX.

A segunda e última dissertação que compõe este grupo é de autoria de Shirlei Daudt Rodrigues, que a denominou de *Cidadania e espaço público a partir da Escola: resgate, recriação ou abandono?* (Universidade de Brasília, 2007). Visto rapidamente, Manoel Bomfim é presentificado na ilustração de um período temporal que a autora denominou de “biologização” (segunda metade do século XIX), um rastro de tempo que responderia pelo momento em que se pretendeu construir a identidade brasileira tomando princípios norteados pela modernidade vinda do estrangeiro.

Bomfim e sua produção didática

Este grupo se constitui basicamente de pesquisas/pesquisadores que, olhando para a produção didática de Manoel Bomfim, várias escritas em parceria com Olavo Bilac, buscaram objetivos semelhantes aos nossos. Seis dissertações que de alguma maneira tocaram os mesmos livros que demarcamos como nossas fontes, dentro do projeto maior. Com alegria descobrimos que nenhum deles efetivou o nosso intento: abordar a produção discursiva de Bomfim como conjunto.

Começando pelo trabalho de André Pereira Botelho *O batismo da instrução: atraso, educação e modernidade em Manoel Bomfim* (Universidade Estadual de Campinas, 1997). Sua dissertação deu origem a artigos em periódicos e pelo menos um livro, nestas produções encontramos como objetivo do pesquisador a exposição do que seria *a matéria de reflexão de Manoel Bomfim*, educação como redenção nacional, problemática que o perseguiria por longo

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

tempo, levando-o a questionar-se e a escrever sobre a possibilidade de uma reforma da sociedade brasileira pela via da educação.

A matéria de análise de Botelho e a mesma utilizada por Claudefranklin Monteiro Santos em *Viajando com Bomfim e Bilac 'através do Brasil'* (Universidade Federal de Sergipe, 2003), no caso, o livro didático *Através do Brasil*. Ambos os pesquisadores identificaram na obra o apelo patriótico presente no texto, mas Claudefranklin deteve-se a outros aspectos, que para ele giraram em torno da materialidade do livro e de sua consistência enquanto objeto cultural, não deixando de caracterizar também as múltiplas facetas do mesmo, o discurso nacionalista embutido e as representações sobre infância, escola e nação impingidas na obra.

O terceiro trabalho a compor este grupo pertence a Rodrigo Belinaso Guimarães e chama-se *A vida sob efeitos do transe: tecnologias do eu e sugestões escolares nos livros didáticos de Manoel Bomfim e Olavo Bilac* (Universidade Federal de Santa Catarina, 2004). Aqui o autor se valeu da mesma obra analisada por Botelho e Claudefranklin, e acrescentou ainda um livro criado por Olavo Bilac e Coelho Neto (Contos Pátrios) além de mais dois escritos de Bomfim, *O Brasil Republicano* (ensaio que compõe o livro *O Brasil Nação*, 1931) e *Noções de Psicologia*. Nestes, o pesquisador buscou desvendar os motivos que levaram Manoel Bomfim e Olavo Bilac a *elegerem a educação* como alvo de atuação política, que mecanismos utilizaram para arquitetar a construção de uma consciência nacional e as formas que a escola poderia assumir com fins a se tornar um espaço inédito na transformação da sociedade.

Perquirindo contemplar a influência do positivismo europeu no nacionalismo brasileiro escolar, temos o trabalho de Karla Goularte da Silva, *Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República 1889-1930* (Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2010). Tomando como fontes de seu trabalho seis livros de leitura: *Porque me ufano de meu país* (1900), de Affonso Celso; *Contos Pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Netto; *Histórias da nossa terra* (1907), de Júlia Lopes de Almeida; *Segundo livro de leituras morais e instrutivas* (1908), de João Köpke; *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim e *Nossa Pátria* (1917), de Rocha Pombo, e empreendendo a metodologia de análise documental, com a finalidade de desvendar que papel os livros de leitura cumpriam na escola e na sociedade ao reproduzirem temas acerca de viagem pela nação e progresso do país, este

último responsável pela inserção de assuntos e símbolos nacionais no cotidiano, a pesquisadora descobriu como se criava no leitor o sentido de unidade para com a pátria, e como tal sentimento se reproduzia na sociedade.

A abordagem e as intencionalidades de Claudefranklin Monteiro Santos e Karla Goularte da Silva e se assemelham muito a de Alexsandro do Nascimento Santos, autor de *Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bomfim e Olavo Bilac: Livro de Leitura (1899) e Através do Brasil (1910)* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010). Nesta dissertação o autor relacionou à produção e a circulação das obras em menção a institucionalização da escola no Brasil, que ao aspirar o desenvolvimento de uma consciência nacional, remetia a formação de uma identidade nacional, num cenário de tensões advindas do processo de modernização do estado brasileiro, estes livros, tais como outros do período cumpriam um papel importantíssimo, no caso, sob o artifício do progresso, inserir símbolos e assuntos nacionais na sala de aula, por vezes criando sentidos de unidade, por vezes, contradizendo-se, referindo-se a exclusão da população negra, indígena e mestiça.

Por fim, dentro de outro viés temos Marcela Cockell Mallmann com a dissertação *Manoel Bomfim: um intelectual polêmico e engajado na Belle Époque tropical – 1898 a 1914* (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011). Retomando *Males de Origem* e ponderando também sobre o livro escolar *Através do Brasil*, Mallmann, salienta a modernização carioca do período, dedicando-se a perceber Bomfim como um intelectual da educação, conectando-o a redes de sociabilidades e intelectualidades presentes no Rio de Janeiro do entre séculos. Entendemos o estudo de Mallmann como uma ponte imprescindível ao entendimento de outros trabalhos destacados. Ponte porque interliga dois pontos expressivos da vida de Bomfim, o intelectual radical da política brasileira ao educador preocupado com a consciência e projeto de nação.

Considerações finais

Realizada a análise qualitativa dos estudos elencados, percebeu-se uma robusta e permanente produção de conhecimento abordando Manoel Bomfim e seus escritos. Na grande maioria dos trabalhos foi possível verificar um desdobramento entre contextualização, produção das obras e aceitação (ou não) das mesmas, vinculação de suas ideias, origem das

problemáticas contemporâneas pela ótica de Bomfim e representações acerca do nacionalismo presente nos seus dias. Embora existam trabalhos englobando o educador e suas propostas de educação, a maioria dos estudos encontrados procurou desvelar um Bomfim intelectual da sociografia. Atualmente vem se aglutinando como sociografia dois entendimentos medianamente caracterizados ainda que muito próximos. O primeiro o individualiza como uma ciência descritiva dos diversos tipos de agrupamentos sociais, dos distintos tipos de sociedades. O segundo o percebe como parte constituinte da sociologia descritiva, que entre motivações se preocupa em dar atenção à variada tipologia conceitual premente, sejam estas de caráter demográfico, estatístico, histórico, geográfico, social, entre outras possíveis segmentações.

Manoel Bomfim não foi um autor de consenso entre os intelectuais de seu tempo. Mesmo em nossos dias provoca dicotômicas interpretações. Eis que relatar nossos achados e ressaltar suas relevâncias, suas riquezas apriorísticas se mostrou um exercício mais que válido, de indubitável justificativa diríamos. Em nossa dissertação, apresentamos os estudos que mais se aproximaram da nossa proposta contextualizada com as demais produções, localizadas nos mesmos bancos de dados, demonstrando a força que um pensamento original pode motivar.

Admitimos que os instrumentos que envolveram o processo e a posterior redução de dados poderiam ter sido outros. Entretanto, levando em consideração o aumento dos cursos de pós-graduação no Brasil, nos últimos trinta anos, seria infame furtar-nos a observância do aumento paralelo de produções acadêmicas acercando-se de Manoel Bomfim. Bem como seria tacanho de nossa parte desconsiderar aqui todos os trabalhos que tivessem por referencial teórico os estudos culturais. Sabe-se que estes referenciais são hegemônicos no meio acadêmico de nossos dias, e com nosso levantamento percebemos que é hegemônica tal abordagem em estudos que investem suas preocupações em pesquisar os vários âmbitos da vida, do tempo e da obra de Manoel Bomfim.

Danilo Romeu Streck, ao discorrer sobre Dermeval Saviani e sua metodologia de leitura histórica, nos fala que “os textos não são a-históricos e para compreender a mensagem é necessário voltar à realidade que serviu de fundo para a elaboração” (STRECK, 2005, p.87). Concordamos com ele e expomos que o conjunto de pressupostos teóricos que orientou o procedimento metodológico desta investigação tomou por alicerce a perspectiva dialética.

Assim sendo, adotamos como referencial teórico-metodológico de nosso trabalho a metodologia histórico-crítica. É indispensável fazer menção a influência presente dos pressupostos teórico-políticos com os quais estamos trabalhando, que de sobremaneira nos auxiliam a pensar e analisar a história da educação brasileira na relação com seus intelectuais e o posicionamento ideológico destes, manifestos em larga produção escrita, configurando-se de tal modo em documentos históricos de amplo reconhecimento tanto nacional quanto internacional. Destarte, assumimos nossa inspiração pela teoria marxiana como linha de pensamento filosófica, analítica social e política que nos move para ação, exatamente pela aptidão que a mesma nos proporciona para averiguarmos às raízes dos problemas da sociedade envolvendo não apenas as transformações políticas, econômicas e sociais, como também aquelas vinculadas à educação e a emancipação humana.

Acreditamos que a originalidade do pensamento Bomfimiano colaborou para a construção de uma concepção de pedagogia crítica da nacionalidade brasileira, justamente numa realidade social que se tornava mais intrincada dia após dia. Empoderado de uma ímpar cultura humanística, Manoel Bomfim defendia que cabia pontualmente aos professores concertar a educação da infância e da juventude brasileira. Até onde pudemos apurar, a proposta bomfimniana defendia a ampliação da educação popular, pública e massiva como elemento potencializador para construção de uma sociedade mais justa, livre, democrática e emancipadora.

Seu pensamento incomum não pronunciava a mentalidade dominante da época, ele se contrapunha à unilateralidade teórica que distinguia a intelectualidade brasileira daquele início de século XX. Talvez este seja um dos motivos pelos quais Manoel Bomfim continue tão presente e tão atual em discussões deste terceiro milênio. De forma vindoura, o educador vem sendo recuperado incontáveis vezes por novos estudantes e pesquisadores que não encontram dificuldades em pensar as mazelas de hoje na relação com as problemáticas de cem anos atrás. Ainda que no campo da educação isso venha ocorrendo timidamente, como se percebe na existência de poucos trabalhos temáticos, a produção de estudos ligando as reflexões de Manoel Bomfim aos problemas não solucionados da educação brasileira se mostram pertinentes. Sobretudo quando a reflexão atinge pontos nevrálgicos da atualidade, como o acesso, a qualidade, as estratégias, a gestão e a avaliação de processos educativos que tenham por inclinação atingir as camadas mais populares da nossa sociedade.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. 561 p.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: Males de origem.** Edição do centenário. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. 390 p.

CORSETTI, Berenice. A metodologia histórico-crítica e a reflexão sobre a questão do rendimento escolar no Brasil. In: MARTINS, Ângela Maria Martins; WERLE, Flávia Obino Corrêa (Orgs.). **Políticas Educacionais: elementos para reflexão.** Porto Alegre: Redes Editora, 2010. p. 87-106

DESLANDES, Suely Ferreira. A CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu;

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social – teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 32-49.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. **Revista brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p.129-154, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea). 160 p.

STRECK, Danilo Romeu. **Correntes Pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar.** Petrópolis, RJ: Vozes; Rio Grande do Sul: Celadec, 2005. 167 p.